

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 36 No. 2 Maio - Agosto 2023

ESPECIAL 40 ANOS

DE REVISTA DE ARQUEOLOGIA À REVISTA DE ARQUEOLOGIA DA SAB ENTREVISTA: CRISTINA SCATAMACCHIA

Veronica Wesolowski

Veronica Wesolowski: Antes de tudo, gostaria de agradecer por teres aceitado participar dessa sequência de entrevistas comemorativas dos 40 anos da *Revista de Arqueologia* da SAB¹. É uma data que não podíamos deixar passar sem comemorar e achamos que é um bom momento para resgatar memórias, registrá-las e divulgá-las.

Assustou-me um pouco já terem se passado 40 anos! Eu não tinha me dado conta!

Veronica Wesolowski: Até 1987, a revista foi editada pelo Museu Emílio Goeldi, um pouco a parte da SAB. Você foi editora da revista por vários anos [1991, 1993, 1994 e 1996], logo depois dela ter passado a ser editada pela própria Sociedade. Você poderia contar um pouco dessa história?

Eu fui secretária da SAB quando a Dorath² era vice-presidente. Então fui editora porque eu estava na diretoria e a revista ainda estava em construção, da mesma maneira que a própria SAB. Você pode ver que, na época, muitas das reuniões científicas da Sociedade eram publicadas pelas instituições que abrigavam a reunião e não pela revista.

Veronica Wesolowski: Eu me lembro disso.

Aquela reunião que foi em Santos, a *Dédalo* publicou. Uma que foi em Santa Catarina, outra no Rio Grande do Sul, foram as instituições locais que publicaram, porque não tínhamos ainda como fazer isso pela revista. Primeiro, tinha o problema de financiamento, e era supercomplicado para fazer impresso. Hoje é completamente diferente, e mesmo quando se imprime é mais barato, porque pode se fazer sob demanda. É outra história.

¹ Sociedade de Arqueologia Brasileira.

² Dorath Pinto Uchoa (1927-2014) foi professora da Universidade de São Paulo (USP), tendo atuado no Instituto de Pré-história (IPH) e posteriormente no Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE) onde foi docente do Programa de Pós-graduação em Arqueologia até seu falecimento. A professora Uchoa foi presidente da SAB no período 1985-1987; vice-presidente no período 1991-1992 e tesoureira em várias gestões nas décadas de 1980 e 1990.

Então, esses trabalhos maiores de publicação dos anais das reuniões foram feitos pelas instituições e não pela revista.

Veronica Wesolowski: Que instituições, naquele momento inicial da revista, apoiaram a publicação?

Tínhamos o apoio do CNPq³, do Museu Emilio Goeldi, do MAE. E no sul, eles apoiaram quando foi necessária a publicação dos anais das reuniões.

Veronica Wesolowski: Você lembra um pouco do que foi a motivação para a fundação da revista? O que levou à criação de uma revista de arqueologia brasileira, lá em 1983?

Foi logo depois que a SAB se constituiu e achamos importante ter um meio de divulgação, porque na época tínhamos as revistas das instituições, como a *Dédalo*, a *Revista do Instituto de Pré-História*, os *Boletins do Museu Goeldi*, as diversas séries da *Revista do Museu Paulista*, mas não havia uma revista mais ligada à SAB, não tínhamos um programa editorial mais amplo voltado explicitamente para a arqueologia brasileira. Se eu me lembro, apenas o CEPA⁴ tinha uma publicação só de arqueologia brasileira, e as outras instituições tinham revistas com linhas editoriais que publicavam outras áreas além de arqueologia brasileira.

Veronica Wesolowski: Mesmo o Museu Paulista e o Museu Nacional, não é?

Mesmo esses. Eram publicações importantes, mas não voltadas apenas para a arqueologia brasileira. Então, era importante ter uma publicação apenas de arqueologia, mas não sei exatamente como a professora Maria Beltrão conseguiu publicar aqueles dois volumes que foram o início de tudo.

Veronica Wesolowski: Nesse início, em 1983, ainda não era a *Revista de Arqueologia* da SAB..

Não, era apenas *Revista de Arqueologia*.

Veronica Wesolowski: Em 1986 foi quando a revista passou a ser oficialmente uma publicação da SAB, e em 1991 o logo da SAB começou a aparecer nas capas. Penso que é nesse momento que também ocorreu a primeira mudança no projeto gráfico da revista, não?

Sim, estávamos tentando dar uma cara para a revista.

Veronica Wesolowski: Encontrar uma identidade...

E foi difícil! Acho que mais recentemente é que isso realmente ocorreu. Na época estávamos tentando dar uma identidade, mas sempre procurando também lidar com o problema do custo. O tamanho, por exemplo, era uma questão importante, porque quanto maior mais caro ficava para imprimir e distribuir. Tínhamos sempre muita dificuldade. Eu me lembro do tempo que demorava para o CNPq liberar a verba para a revista, era um tempo muito grande, e você tinha que se dedicar para isso.

Veronica Wesolowski: Eu percebo, resgatando um pouco da leitura dos volumes antigos, que havia muita publicação de relatórios, notas de pesquisa. Os primeiros volumes da revista traziam quase que um único trabalho.

Não existia ainda uma definição editorial para a revista, sabe? “Olha, a revista vai publicar desse jeito, vai ter essa estrutura, essa configuração”. Não existia ainda. Isso foi sendo

³ Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

⁴ Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas.

construído com o tempo. Tanto a revista da SAB como outras estavam tentando, na verdade, formular uma direção para a editoria em arqueologia. A primeira proposta de direcionamento foi o temático e a revista publicou aquele volume sobre alimentação em 1991. Na época achamos que seria, eu pelo menos achei, superinteressante começar a ter números temáticos, porque se poderia levantar todo o estado da arte sobre aqueles temas. Foi a primeira vez que tentamos definir uma linha editorial, mas acabou não resultando em uma continuidade.

Veronica Wesolowski: É interessante você falar isso, Cristina, porque essa política editorial de ter alguns números temáticos retoma a partir de 2013 com os "Dossiês".

É isso, entendeu? Eu acho superinteressante você ter esse enfoque temático, porque assim é possível avaliar o que está acontecendo sobre aqueles assuntos. Acho que amplia a divulgação, é muito bom para quem quer consultar o que está se passando na pesquisa sobre o tema.

Veronica Wesolowski: Naquele momento o financiamento vinha basicamente de fontes externas à SAB?

Na época era basicamente o CNPq. Porque com o que a SAB tinha em anuidades não havia a menor condição de bancar a publicação, pelo custo que era uma revista na época e porque éramos poucos.

Veronica Wesolowski: Hoje há outros custos, porque o digital implica em investimento na gestão dos sistemas, de backup. São custos, sem dúvida, de ordem e natureza diferentes.

Sim, no passado tínhamos também o problema do custo não ser só da confecção da revista, tínhamos que enviar os exemplares pelo correio, o que também era um custo altíssimo. Às vezes, a gente aproveitava as reuniões para fazer a distribuição das revistas.

Veronica Wesolowski: E eu imagino que a manutenção da regularidade de publicação fosse outro desafio.

Era um desafio! Eu sempre achei que o mais importante para uma revista, para ela ter credibilidade e financiamento, era ser constante, não é? Então tiveram mil discussões: "vamos fazer anual?", "vamos fazer semestral?". Não sabíamos o que a gente conseguiria manter, e não adianta falar "vai ser semestral" e depois não conseguir dar conta da regularidade. Foi um aprendizado, não é? Eu tinha um pouquinho de experiência, porque eu estava junto com a professora Maria Isabel Fleming na editoria da *Dédalo*. A gente fez o último número da *Dédalo* antes da criação da *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Então eu também já tinha penado um pouquinho...

Veronica Wesolowski: É interessante, porque são experiências conjuntas, não é?

Na verdade, todas as revistas da época tinham os mesmos problemas financeiros, de manutenção, de regularização e de distribuição. Mesmo que aproveitássemos muito as reuniões para fazer a distribuição, de qualquer jeito era preciso fazer uma distribuição para as instituições, para as bibliotecas, com as quais tínhamos intercâmbio. Então, sempre houve um custo de embalar e encaminhar para fazer aquela distribuição protocolar, porque havia o compromisso com algumas instituições.

Veronica Wesolowski: E como era o sistema de avaliação de artigos naquele momento?

Tínhamos um conselho editorial e as avaliações eram, vamos dizer, quase pessoais naquele momento. A revista recebia um artigo, sabíamos quem dentro daquele conselho poderia fazer o parecer, porque dominava o assunto, então era encaminhado. Não havia

uma formalização como depois passou a ser feito. Você encaminhava para o profissional: “olha, o que você acha desse artigo? Vale a pena publicarmos ou não?”. Depois você recebia o aval daquele profissional e encaminhava para a publicação. Só posteriormente é que a avaliação foi se formalizando.

Veronica Wesolowski: Formalizando-se para o que entendemos hoje como o padrão da editoria científica, que é ser uma avaliação duplo-cega, então, na revista isso é algo que não existia de início e que também foi sendo construído.

Foi sendo construído, sem dúvida. Como te falei, era bem informal.

Veronica Wesolowski: Em 1991 mal tínhamos e-mail, então todo o processo era via correio, com os manuscritos circulando em forma impressa?

Era tudo bem mais difícil, tudo via correio. Você mandava o trabalho para a revista via correio, vinha impresso. Era outra história! Você recebia o trabalho impresso, encaminhava para avaliação impresso e mandava para os autores fazerem as revisões impresso. Gente! Eu fiz a minha tese de mestrado de 400 páginas com máquina de escrever, outro mundo. Com a revista também era assim, outro mundo!

Veronica Wesolowski: Estando na editoria, eu percebo que mesmo com todo o sistema digital de gerenciamento, com mensagens que são quase instantâneas, temos que correr atrás do tempo para conseguir fazer todo o processo de edição corretamente e ter o número publicado sem atraso. Então, imagino que gerenciar isso por correio devia ser um desafio...

E os erros? O que tinha de erro, às vezes! E as correções eram feitas manualmente, era também um outro ritmo.

Veronica Wesolowski: Retomando um pouco a questão da identidade visual da revista, você lembrou que ela foi mudando de cara ao longo dos anos. Eu sou da geração que se formou no começo da década de 1990 e a primeira imagem da revista da SAB que me vem sempre à mente é aquela das capas brancas com uma foto, um desenho no meio em um formato quase quadrado..

Aquele formato era o ideal na época porque era o mais barato, entendeu? Não só em termos de impressão, como também em termos de envio.

Veronica Wesolowski: O que te chama a atenção em termos de diferenças ao comparar aquela época e o tempo presente da revista?

Acho que a revista cresceu, teve uma evolução muito legal. Lá atrás foi o começo, a gente estava Tateando com os recursos que tínhamos na época. Eu acho que houve um crescimento incrível. Acho que a revista está super bem, representando bem a SAB.

Veronica Wesolowski: Dirias que isso acompanha, de certa forma, a nossa mudança como profissionais de arqueologia?

Como grupo, lógico, lógico! Na época, por exemplo, tínhamos só os trabalhos de produção científica acadêmica. Não tínhamos trabalho de contrato, nada parecido, está certo? Quer dizer, houve uma evolução também na carreira. E isso se expressa na produção que é publicada na revista.

Veronica Wesolowski: Na quantidade de pessoas arqueólogas também?

Lógico, foi um avanço. Essa foi uma mudança muito grande, desde a época em que a Sociedade foi criada até hoje. Em termos do que ampliou a profissão, se ampliou.

Antes era muito restrita. Inclusive, nem adiantava formar muita gente, porque você não tinha onde trabalhar. Eu me formei na década de 1970 e tínhamos só as universidades e os museus para trabalhar, então não adiantava formar muita gente. Eu acho que quando a SAB foi criada não tinham 200 pessoas. Essa mudança das últimas décadas na profissão ampliou tudo, ampliou a formação, ampliou a divulgação de trabalho.

Veronica Wesolowski: Achas que poderíamos dizer que tanto a Sociedade quanto a revista acabaram sendo fôruns de congregação de quem fazia arqueologia naquela época?

Sim, porque tínhamos, antes da formação da SAB, arqueólogos respeitáveis, que construíram, vamos dizer, a base da arqueologia brasileira, mas estavam dispersos. Então, a formação da sociedade foi superimportante para essa congregação. Considerando as dificuldades econômicas e de campo de trabalho na época, foi preciso coragem, mas foi um movimento importante criar a Sociedade e a revista.

Veronica Wesolowski: E o que você destacaria como qualidades da revista no formato que ela tem hoje?

Olha, eu admiro muito o que vem sendo feito ao longo dos anos. Primeiro, que eu admiro muito a qualidade dos nossos profissionais. Sabe, eu acho que o pessoal está tendo uma formação muito boa e é possível ver o resultado disso nos artigos, são artigos de peso. Acho que houve um crescimento muito grande e que a revista, hoje, expressa bem o nível que alcançamos na arqueologia aqui no Brasil, de formação, de pessoal. Eu admiro muito, acho que está muito boa.

Veronica Wesolowski: Com tantas publicações científicas hoje, na tua avaliação, ela ainda tem o mesmo peso na circulação da produção que tinha no passado?

Sem dúvida! Porque em termos de arqueologia brasileira, ela é única ao manter a linha editorial com peso grande no tema e por ser uma revista muito bem conceituada que é publicada em português. Além disso, acho que essa proposta dos dossiês é legal, porque te dá um panorama do ponto em que a arqueologia brasileira se encontra em determinados temas. Eu acho muito bom esse enfoque.

Veronica Wesolowski: Quarenta anos não é pouca coisa! Ainda há muito para contar dessa história, não?

Esses 40 anos têm um significado importante. Acho que é um mérito incrível e só posso falar que fico muito feliz de ter participado do início e de ter visto que o “bebê” cresceu. Fico feliz que a revista continua firme e bem, porque muitas revistas começaram e pararam, não tiveram continuidade. Fico muito feliz pela revista ter essa continuidade e estar sendo um sucesso. Imagina, 40 anos! Tempo em que a revista passou a ser um marco, uma referência para a arqueologia brasileira.